

O APRENDIZADO HISTÓRICO DE LUTA E RESISTÊNCIA DE MANDU LADINO NO NORDESTE DO BRASIL À EXPANSÃO COLONIAL

Francisco Izailo lira de oliveira da cruz

Aluno do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI

e-mail: pipocagrphb@hotmail.com

Roberto Kennedy Gomes Franco

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI;

mail: kennedyfranco@hotmail.com; kennedyfranco@gmail.com.br;
kennedyfranco@yahoo.com.br

Julianna Melo lustosa

Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí

Email: julianamelo41@hotmail.com

RESUMO

O aprendizado histórico de nossa existência favorece a compreensão dos problemas passados em nossa história, dentre eles, destacamos em nossa pesquisa a resistência cultural dos povos nativos (índios) no continente Americano contra os colonizadores. Os exemplos destes níveis variados de formação da consciência compreendem a —dialecticidade— de épocas históricas diferentes e múltiplas culturas em luta social. Isto porque é importantíssimo, nos primeiros anos do século XXI, entender como as mudanças sociais modificam e são modificadas pela formação da consciência e da luta deflagrada pelos antagonismos entre explorados e exploradores, pois o aprendizado histórico destes níveis variados de formação da consciência política é o que tem feito com que a opressão do homem pelo homem tenha sido socialmente criticada, combatida, reformada e até historicamente revolucionada. A este respeito (MARX, 2007), diz que: “a consciência do homem se modifica com toda mudança sobrevinda em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existência social.” Posto isso, tem-se um alargamento conceitual acerca das contradições do processo de formação da consciência dos seres humanos.

Palavras chave: luta, aprendizado, resistência, expansão, mandu ladino.

1. INTRODUÇÃO

O aprendizado histórico de nossa existência favorece a compreensão dos problemas passados em nossa história, dentre eles, destacamos em nossa pesquisa a resistência cultural dos povos nativos (índios) no continente Americano contra os colonizadores. Os exemplos destes níveis variados de formação da consciência compreendem a —dialecticidade de épocas históricas diferentes e múltiplas culturas em luta social. Isto porque é importantíssimo, nos primeiros anos do século XXI, entender como as mudanças sociais modificam e são modificadas pela formação da consciência e da luta deflagrada pelos antagonismos entre explorados e exploradores, pois o aprendizado histórico destes níveis variados de formação da consciência política é o que tem feito com que a opressão do homem pelo homem tenha sido socialmente criticada, combatida, reformada e até historicamente revolucionada. A este respeito (MARX, 2007), diz que: *“a consciência do homem se modifica com toda mudança sobrevinda em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existência social.”* Posto isso, tem-se um alargamento conceitual acerca das contradições do processo de formação da consciência dos seres humanos.

A ação educativa encontra-se intimamente implicada neste emaranhado sistêmico, no qual turbilhões de interesses capitalistas permeiam de significados os desejos humanos, materializados numa sociabilidade baseada no estranhamento e numa lógica antissocial, respaldada por um modelo educacional comprometido com a ideologia hegemônica. Os preceitos educacionais, nesse sentido, validam ensinamentos que reproduzem ações de exploração do homem pelo homem e dilapidação do coletivo em favor do individual.

Diluído nesta temática, esta proposta de pesquisa histórica, objetiva analisar o papel histórico-educativo da figura do índio Mandu Ladino no contexto do Levante dos Tapuias do Norte, sua liderança na luta, organização e resistência cultural ao processo de ocupação colonial do solo piauiense no contexto do Brasil Colônia. Em nome da fé cristã e da produção de lucros por parte dos colonizadores o Piauí foi palco de uma sangüenta história. Em nossas análises esta sangüenta história é fruto do embate de culturas entre os povos nativos e os colonizadores, processo este definidor do que vem ser hoje o Estado do Piauí. Desta feita, temos assim um genocídio, que é a morte física

de um povo, e ainda, um etnocídio, que é a descaracterização e absorção de uma determinada cultura em relação à outra na história piauiense.

2. DESENVOLVIMENTO

Historicamente, este processo esteve atrelado à cultura do boi, com a carne transformada em mercadoria de exportação. A criação de gado fez com que os fazendeiros prosperassem. A Pecuária possibilitava —colonizarl o Nordeste do Brasil. Este processo de (des)ocupação tinha como intencionalidade —limparl o território dos chamados —Povos Bárbarosl. Para tanto, três formas clássicas foram utilizadas, ou seja, —civilizou-sel através dos aldeamentos religiosos, por meio da escravidão, e ainda, mediante assassinatos em massa daqueles chamados de —selvagensl. Entretanto, torna-se necessário ressaltar que, apesar dos ataques violentos às suas culturas, fruto da necessidade de lucro dos —colonizadoresl ou do processo de —cristianizaçãol, —civilizaçãol, por parte da Igreja, os nativos não deixaram de resistir, seja de forma explícita, como o violento levante liderado por Mandu Ladino no início do séc. XVIII, ou ainda, de formas dissimuladas, de influenciar e ser influenciado pela cultura do colonizador. A este respeito (CHAVES, 1998, p.137) diz que:

De 1712 para 1713 houve o levante geral de todos os tapuios do norte. Desta vez os selvagens obedeciam à orientação de um índio perigoso que se chamava Mandu Ladino [...] Inteligente, astuto e vingativo, Mandu-Ladino mobilizou as tribos rebeladas, dividindo-as em guerrilhas...

Especula-se, conforme dados históricos de época que a área de ação desse grupo de guerreiros compreendia o baixo e o médio vale do Rio Parnaíba (Maranhão e Piauí) e as regiões limítrofes com o Ceará (da Serra da Ibiapaba ao litoral).

No Piauí, o chamado Levante Geral dos Tapuias do Norte, movimento de luta e resistência liderado pelo índio Mandu Ladino, contra a fê crista e a ganância por lucros dos colonizadores diz respeito ao processo histórico de tomada de consciência política e de mobilização social por melhores condições de vida em experiências de destruição cultural de seus “*habitus*” (BOURDIEU, 1989), e/ou, de sua “*experiência*” (THOMPSON, 1981). Tal fato evidencia a compreensão do momento em que grupos

sociais oprimidos, ao assumirem uma posição além de si, em função de uma causa coletiva, passam a associar-se.

Contra os antagonismos decorrentes dos tempos de exploração colonial, claramente é apreendido nos relatos diversos sobre a memória histórica de resistência cultural indígena liderado por Mandu Ladino a emergência de um engajamento político anti-colonial. Este fato pode ser interpretado como de transição da *consciência em si* à *consciência para si*, conceitos trabalhados, tanto na *Miséria da Filosofia*(1927), quanto na *Ideologia Alemã*(1998), por Marx e Engels, ao analisarem especificamente o ato de produção da consciência nos seres humanos¹.

1 Epistemologicamente, a consciência em si é apresentada como práxis individual, que tem a existência engajada apenas para o ato acrítrico/estranhado da produção dos meios necessários ao viver, sem consideração pelos aspectos políticos ou críticos em relação ao contexto social/coletivo em que se vive. A consciência para si trata-se do inverso, ou seja, de uma práxis coletiva de associação entre pessoas que se engajam conscientemente pela transformação histórico-social da realidade.

Em nossas hipóteses, na qualidade de território pedagógico para o aprendizado político de luta e resistência cultural, a experiência liderada por Mandu Ladino deve ser diluída no processo histórico-político de insurgência anti-colonial latino-americano. Esta consciência política dos modos de ser e estar culturalmente dos indígenas, em nossas hipóteses, germinou-se por meio do embate de culturas de efeitos transnacionais para a humanidade. Acreditamos que o debate dessa memória histórica justifica-se por possibilitar um melhor conhecimento sobre a História do Brasil e do Piauí.

A meta é analisar o papel histórico-educativo da figura do índio Mandu Ladino no contexto do Levante dos Tapuias do Norte, sua liderança na luta, organização e resistência cultural ao processo de ocupação colonial do solo piauiense no contexto do Brasil Colônia.

Analisar as contradições sociais produzidas pelo embate de culturas em nome da fé e do lucro no Piauí Colonial;

Problematizar a presença do índio nas terras do Estado do Piauí, assim bem como, do —esquecimento‖ histórico das raízes indígenas (nativas) em nossa identidade cultural;

Catalogar e fotodigitalizar fontes diversas deste embate de culturas no solo piauiense orais, escritas (primárias, literárias, entre outras) e áudio-visuais, sobre a figura histórica do índio Mandu Ladino; Investigar no cd disponível no Brasil, as informações fotodigitalizadas sobre o Piauí Colonial, encontradas no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa; Averiguar a práxis pedagógica do ensino de história nas escolas da Educação Básica sobre a memória cultural da figura histórica de Mandu Ladino e a temática indígena; Fomentar conscientização nas escolas acerca da importância da memória histórica do patrimônio cultural presente nas diversas etnias localizadas antes do processo de colonização, inclusive efetuando gravações áudio-visuais de todo o processo. Para tanto, estaremos realizando (palestras nas escolas e entrevistas com os alunos e professores).

Metodologicamente, desejamos analisar o embate de culturas deflagrado pela luta e resistência indígena contra o colonialismo, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, com suporte em tal plataforma teórica e prática, esta pesquisa, objetiva dialeticamente alcançar também o momento histórico em que estes sujeitos rompem com o individualismo da experiência de aculturação e se engajam coletivamente em uma luta coletiva sangüenta de vida e de morte.

Metodologicamente, desejamos analisar o embate de culturas deflagrado pela luta e resistência indígena contra o colonialismo, na perspectiva do materialismo histórico-dialético, com suporte em tal plataforma teórica e prática, esta pesquisa, objetiva dialeticamente alcançar também o momento histórico em que estes sujeitos rompem com o individualismo da experiência de aculturação e se engajam coletivamente em uma luta coletiva sangüenta de vida e de morte.

Para tanto, pretendemos investigar, mediante a catalogação e o cruzamento de fontes diversas (orais, escritas e áudio-visuais) as contradições deste embate de culturas no solo piauiense. Efetuaremos ainda um esforço concentrado em foto-digitalizar todas as fontes diversas encontradas sobre a vida, luta e morte de Mandu Ladino.

Este momento, por conseguinte, é um marco para a expansão do capitalismo comercial de exploração colonial no mundo e também no Brasil, em termos jamais experimentados. Associado ao fenômeno capitalista de acúmulo de capitais dos grandes centros industriais e exploração das riquezas naturais das colônias, a catequização, escravização e morte dos nativos da América rapidamente se prolifera. A exploração

colonial, portanto, tem relação direta com as contradições de crescimento e acúmulo de riqueza por parte dos colonizadores em relação às colônias de exploração.

Para tanto, deve-se levar em consideração a historicidade dos sujeitos que, regionalmente situados, dialeticamente trabalharam na *organização corporal* dos meios mínimos necessários à sobrevivência na região do Nordeste do Brasil em tempos de colonialismo. Produzindo, portanto, práticas culturais apreendidas no específico de suas relações sociais, sem, todavia, se deslocar da totalidade desse fenômeno, que possui impactos transnacionais.

Nossa abordagem metodológica, portanto, tenciona traçar um elo entre o específico e o geral, entendendo que o Nordeste e o Brasil, por conseguinte, inserem-se na transnacionalização do projeto Colonial. Metodologicamente, estas reflexões ajudam para a pesquisa em história para a execução de uma análise que relaciona *a parte com o todo*, pois, *os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo.* (KOSIK, 2002, p. 44).

Em sendo assim, metodologicamente, investigaremos este embate de culturas em nome da fé e do lucro, mediante referenciais apontados por (MONTEIRO, 1995); (BOSI, 1992); (PRADO JR. 1994); (GALEANO, 1998); (CASTELO BRANCO, 2010), estabelecendo uma interlocução das circunstâncias históricas de emergência do Piauí Colônia com a chamada expansão marítima comercial transnacional. Interpretando e buscando associar estas reflexões a historiografia piauiense,

Historicamente, as contradições sociais do colonialismo no continente americano têm relação direta com a lógica desigual e combinada do capitalismo comercial. É na esfera da mercantilização da vida e das míseras condições de sobrevivência produzidas pela economia política colonial, exploração predatória das riquezas locais, escravidão, cristianização e morte que situamos nossos objetivos de investigação histórica.

Apreende-se deste panorama em torno da figura histórica do índio Mandu Ladino o florescimento de uma resistência consciente de luta contra o colonialismo e não mais de passividade frente ao projeto colonizador do chamado Novo Mundo, a América.

Por fim, metodologicamente, daremos especialmente atenção em nossos procedimentos na problematização da presença do índio nas terras do Estado do Piauí, assim bem como, do —esquecimento|| histórico das raízes indígenas (nativas) em nossa

identidade cultural, e ainda, como se processa na práxis pedagógica do ensino de história nas escolas da Educação Básica o debate sobre a memória cultural da figura histórica de Mandu Ladino e a temática indígena. Ciente de que, necessariamente aperfeiçoamentos ao texto irão emergir, acreditamos que a realização desta pesquisa nos moldes que apresentamos possibilita conhecer, refletir e entender o universo deste embate de culturas, edificado ao longo do recorte espaço-temporal em análise, suscitando sempre novos questionamentos e, ainda, favorecendo a revisão das conclusões iniciais emergentes de novas observações e do trabalho com o conhecimento já produzido na área.

3. CONCLUSÃO

Essa pesquisa espera como resultado contribuir para ampliar as reflexões sobre a temática Indígena na memória histórica do Piauí, e ainda, do ensino da cultura nativa/indígena em sala de aula. A escrita da memória histórica é algo que se insere no presente do ser humano, desde sua origem. Rememorar é uma atividade histórico-cultural de grandeza imensurável, pois a lembrança conserva aquilo que se passou e não retornará.

A nossa maior contribuição nesse sentido talvez seja a possibilidade de buscarmos avanços refletindo a sobre este embate de culturas definidor do que vem ser hoje o Piauí, ou seja, almejamos problematizar coletivamente o genocídio, que é a morte física de um povo, e ainda, o etnocídio, que é a descaracterização e absorção de uma determinada cultura em relação à outra na história piauiense.

Ciente de que, necessariamente aperfeiçoamentos ao texto irão emergir, acreditamos que a realização desta pesquisa nos moldes que apresentamos possibilita conhecer, refletir e entender o universo deste embate de culturas, edificado ao longo do recorte espaço-temporal em análise, suscitando sempre novos questionamentos e, ainda, favorecendo a revisão das conclusões iniciais emergentes de novas observações e do trabalho com o conhecimento já produzido na área.

Em nome da fé cristã e da produção de lucros por parte dos colonizadores o Piauí foi palco de uma sangüenta história. Acreditamos que o debate dessa memória histórica possibilita um melhor conhecimento sobre nós mesmos. Este movimento, uma vez revisitado, oportuniza aprendizado histórico significativo para a trajetória humana ao longo do século XXI.

Por derradeiro, destacamos a provisoriedade deste texto, uma vez que a cada novo dia novos elementos agregaram mais questões ao problema sugerido por esta pesquisa.

Sendo para tanto, necessário para essa pesquisa utilizar material bibliográfico/teórico como livros servindo de fontes de pesquisas, encontrados em acervos como bibliotecas e arquivos pessoais.

6. Referências Bibliográficas (máximo de 2 páginas)

- Bosi, Alfredo. **Dialética da colonização**. — São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz . Lisboa: Difel, 1989.
- CASTELO BRANCO, Anfrísio Neto Lobão. **MANDU LADINO - ROMANCE**, 2010.
- CASTELO BRANCO, Moysés. **O índio no povoamento do Piauí**. Teresina, Artes Geográficas, 1984.
- CHAVES, Monsenhor Joaquim. **O índio no solo piauiense**. Teresina, Série Histórica, 1953.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da America Latina**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- MARX, Karl. **Miséria de la Filosofia**. Buenos Aires: Ed. Actualidade, 1927.
- MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. Karl Marx e Friedrich Engels; [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos).
- MONTEIRO, John. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NETO, Adrião. **RAÍZES DO PIAUÍ – Romance Histórico**. Fundação Cultural do Piauí, Teresina – PI, 2003.
- NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Rio de Janeiro, Artenova, 1875.
- THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros**./Tradução de Maltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MOTT, Luiz. **O Piauí colonial**. Teresina, Projeto Petronio Portella, 1975.